

A MÍDIA E O CORPO FEMININO NO DISCURSO DAS ADOLESCENTES NA ESCOLA

MEDIA AND FEMININE BODY IN THE DISCOURSE OF FEMALE TEENAGERS AT SCHOOL

Emilia Devantel Hercules*
Nilson Fernandes Dinis**

RESUMO

Representações sobre corpo e gênero são exploradas pela mídia, através da televisão, do cinema, da internet e das revistas voltadas ao público adolescente. Nestas representações verifica-se a predominância de um discurso na valorização de um corpo feminino magro, linear, longilíneo como modelo de saúde e beleza. Estudos na área da saúde têm apontado para os riscos da hegemonia deste discurso que tem produzido um aumento de distúrbios alimentares em adolescentes do sexo feminino, resultando em sofrimento, doença e morte. Este trabalho busca cartografar algumas das representações que adolescentes do sexo feminino de uma instituição escolar possuem acerca do discurso do corpo saudável. Os resultados apontam para a necessidade da inclusão do tema no currículo escolar e os procedimentos adotados na pesquisa permitem também apontar para algumas possibilidades para que educadores/as possam discutir o tema em uma sala de aula, produzindo formas de resistência a discursos normatizantes sobre corpo e gênero.

Palavras-chave: Corpo. Gênero. Feminino. Adolescência.

ABSTRACT

Representations about body and gender are explored by media through the TV, the cinema, the internet and some teenage magazines. In these representations we could observe a predominant discourse appreciating a slim, tall, well-shaped female body as a model of health and beauty. Some studies about health are pointing to the risks of hegemony of this discourse which has produced an increase of alimentary diseases in female teenagers, resulting in suffering, illness and death. This work aims to map some of these representations about the discourse of a healthy body produced by female teenagers at school. The results point to the importance of the inclusion of this topic on the school curriculum, and the procedures used on this research could point to some possibilities for teachers to discuss the topic in the classroom, producing some resistance to normative discourses about body and gender.

Keywords: Body. Gender. Feminine. Adolescence.

* Licenciada em Educação Física e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: myla_hercules@hotmail.com

** Professor adjunto no Departamento de Educação da Universidade Federal de São Carlos e pesquisador bolsista do CNPq. E-mail: ndinis@ufscar.br

A produção de figuras ícone pela mídia voltada ao público adolescente tornou-se um fator cotidiano em nossa sociedade. Dentre todos os veículos midiáticos merece especial destaque a televisão, pois afinal deixou de ser simplesmente um eletroeletrônico para tornar-se um eletrodoméstico. Sua absorção social aconteceu de forma tão espantosa que hoje não se consegue mais falar em relações sociais sem mencionar, ao menos uma vez, a influência desta mídia sobre as estéticas dos corpos que vemos ao caminhar pelas ruas.

A mídia torna-se um elemento de formação cultural com igual ou maior presença do que a formação escolar, pois é por meio desta que novos discursos sobre nossa relação com o corpo são produzidos. Mas a escola também é um espaço no qual os/as adolescentes passam parte significativa do seu tempo, o que nos faz pensar que a escola e a mídia sejam os principais veículos educativos que produzem os processos de subjetivação dos corpos adolescentes.

Os discursos produzidos pela mídia sobre a estética dos corpos, bem como sobre as representações sociais do masculino e do feminino, que produzem nossas identidades de gênero, são consumidos com velocidade, pois existe uma necessidade de sentir-se parte de uma sociedade, de fazer-se presente e integrado. Pode-se perceber que tudo o que é veiculado pela mídia passa a ser também tema de discussão no ambiente escolar, sendo que a adolescência torna-se um dos principais públicos alvo das vendas mercadológicas, afinal a sociedade está pautada em uma relação de produtos e consumo que enfatiza a exploração do corpo eternamente jovem. Tais dados devem despertar a curiosidade de educadores/educadoras para a constituição dos modos de ser adolescente em meio às influências do processo de escolarização e das regras sociais vigentes na mídia.

As intervenções da educação no corpo reproduzem proposições sobre um corpo saudável pautado na educação alimentar e na obstinação da execução de exercícios físicos, fatores que se postula como a prevenção de dias dolorosos que estão por vir com a velhice. Esse discurso se consolida ainda mais nas últimas décadas, tendo como principal aliado as intervenções da medicina estética contemporânea. Segundo Sant'Anna (2001, p. 18):

É sobretudo no decorrer dos últimos cinquenta anos que a tentativa de tornar o corpo de cada um algo independente do patrimônio cultural e genético vem ganhando um número crescente de adeptos. Reconstruir o próprio corpo com a ajuda dos avanços tecnológicos e científicos – cosméticos, cirurgias, uso de próteses, ginástica, regimes etc. – para ganhar mais saúde e juventude não deixa de ser uma promessa

fascinante a diversas épocas da civilização, mas foi na atual que ela conseguiu conquistar um espaço inédito na mídia e uma banalização importante no cotidiano, tanto das grandes quanto das pequenas cidades.

Estudos anteriores (SOARES, 2001; SILVA, 2001; SANTAELLA, 2004) apontam que os padrões estético-corporais são sempre produzidos por um contexto histórico-social. Muitos dos processos de disciplina condicionam de certa forma os indivíduos a serem meticolosos com o compromisso de moldarem seus corpos. A mídia exerce o mais efetivo controle, pois oferece as mais diversas verdades em tom de escolhas, proporcionando assim certa impressão de ‘autonomia’.

A presente investigação teve o intuito de compreender as representações sobre o conceito de corpo saudável produzidas por adolescentes do sexo feminino que cursavam o ensino médio, portanto, restringiu-se a trabalhar com adolescentes de 14 a 17 anos matriculadas em uma instituição pública escolar de ensino médio na cidade de Curitiba, Paraná. Trabalhar apenas com o sexo feminino justifica-se por questões de delimitação de problema em uma pesquisa científica, mas também pelo bombardeio diário de cobrança em relação aos padrões corporais que o sexo feminino tem sofrido ao longo da história. Embora nos últimos anos tenha também havido um aumento na exploração do corpo masculino nas intervenções ligadas à publicidade, as mensagens dirigidas ao público feminino, no que concerne a aspectos da estética corporal e da saúde, continuam em número significativamente superior. Os conflitos gerados pela incapacidade de atingir estes padrões estéticos preconizados pela mídia também têm atingido principalmente o público feminino, gerando patologias como a anorexia que ocorre predominantemente nas adolescentes, o que justifica a necessidade de novas pesquisas sobre o assunto.

Os dados da pesquisa foram obtidos através de uma produção escrita sobre “o que é corpo saudável”, somada à coleta de imagens representativas deste mesmo corpo, realizadas pelas adolescentes. Ou seja, em um primeiro momento elas eram convidadas a realizar uma pequena redação a partir da seguinte questão: “O que é um corpo saudável?”. O recurso do texto escrito era complementado com uma imagem de saúde e beleza que as garotas anexavam a sua redação, pois foi pedido que trouxessem uma imagem do corpo que as mesmas considerassem saudável. A amostra foi composta por 77 exercícios de redação, que compuseram os dados aqui apresentados. Na tentativa de preservar a identidade das alunas pesquisadas, os nomes serão omitidos. As respostas

nos textos são sempre descritas literalmente, mesmo com erros originais de ortografia, de digitação ou de concordância.

Quando perguntamos “o que é um corpo saudável?”, as respostas predominantes estavam ligadas à atividade física (16% das repostas) e à boa alimentação (18% das repostas). Apesar do fato destas respostas terem constituído o quadro mais representativo, deve-se também olhar para o que pode fazer a diferença, como é o caso dos outros percentuais menores. Entre essas outras respostas estão: sentir-se bem (6%), não usar drogas (2%), busca do equilíbrio corpo e mente (7%), ser feliz (4%), não ser magro (6%), não ser gordo (4%), não ter doenças (3%), dormir bem (2%), ter peso ideal (6%), ter corpo bonito (2%), ter boa aparência (2%), estar sem estresses (2%) e sem vícios (2%).

Outras respostas em menor número, mas não menos significativas, estão representadas no item “outras”, que correspondeu a 12% das respostas. Um fator mencionado, por exemplo, neste item foi o fator mídia. Algumas das menções sobre este tema se esboçavam como tentativas de resistência, através de críticas à imposição de padrões. Observe o texto abaixo:

[...] quando se trata de dizer o que é um corpo saudável acho importante lembrar que este não depende apenas do físico, ou seja, ser magro, malhar entre outras coisas que vemos ser impostas a nós através da mídia. Na minha opinião, ter um corpo saudável significa ter não só o físico, mas também a mente saudável pois os dois são muito ligados e um depende do outro. [...] Acho que o importante é fazer exercícios por si próprio, para se sentir bem e não porque a sociedade cobra. Da mesma forma que deve-se ter a própria concepção de bem e mal, certo ou errado e não a do que as outras pessoas têm.

Outros fatores que estão entre esses 12% de outras respostas são: ter um corpo com proporcionalidade, possuir uma rotina (possuir horários específicos), estar normal, estar em harmonia com o mundo e consigo, ter força de vontade, não estar anoréxica ou bulímica, possuir certa qualidade de vida, estar satisfeita com a vida, fazer usos de alguns cosméticos, divertir-se, obedecer as leis divinas, possuir o acompanhamento médico.

Já no texto abaixo, pode-se observar o exemplo de uma resposta padronizada, como a ideia de um corpo nem magro ou gordo demais, pois neste discurso o excesso parece nunca ser de bom grado. Isso se apresenta de forma semelhante para a atividade física e para a alimentação. Quando a jovem menciona que o peso deve ser compatível com a altura, percebe-se a internalização do conceito de peso ideal que está relacionado

ao IMC (Índice de Massa Corporal), calculado por meio de tais variáveis, generalizando medidas e padrões.

[...] um corpo saudável não é esquelético e nem obeso é compatível com a altura. Ideal seria que fizesse atividade física, não exageradamente, e ter uma alimentação balanceada, baseada na pirâmide alimentar. Beleza não é saúde, hoje o que a mídia nos oferece são modelos esqueléticos como algo lindo e perfeito, um exemplo de corpo bonito. Eu não penso assim, têm pessoas principalmente mulheres, que são lindas mas vivem achando defeitos em si mesmas. Querem seguir os padrões impostos pela mídia. Cada pessoa tem sua beleza e deve valorizá-la da melhor forma possível e não desprezá-la e tentar se moldar a um certo padrão. Hoje em dia, anorexia é uma doença muito comentada, pois é o reflexo da obsessão pela busca do corpo perfeito. Em primeiro lugar, precisamos nos aceitar, pois só assim seremos aceitos pelas pessoas ao nosso redor. É claro, a partir do momento em que a magreza, e ou a obesidade começa a influenciar na saúde física é o momento de começar a se cuidar!!!

Ao mesmo tempo em que há a incorporação sem questionamentos do discurso médico sobre o corpo saudável (peso compatível com a altura, atividade física e alimentação balanceada), também ainda é possível observar neste texto resistências aos discursos padronizados na menção às mulheres não satisfeitas com seus corpos, além da influência dos veículos midiáticos como veículos de certa forma coercivos em relação aos padrões corporais. Já o texto que segue, ao contrário, responde em poucas palavras os anseios de um corpo saudável, pautados na aglomeração das informações sobre qualidade de vida e outros discursos vinculados aos saberes da Educação Física, da Medicina Estética e da mídia: “[...] um corpo saudável é aquele com saúde, bonito, sem doenças, uma pessoa feliz, que faz esporte, se alimenta bem, sair bastante, se divertir”.

Sobre a escolha das imagens representativas do corpo saudável, houve casos em que essa imagem não foi apresentada, já que 13% das adolescentes não escolheram nenhuma foto, gráfico ou imagem. Uma das justificativas apontava para a impossibilidade de um corpo saudável ser representado através de uma imagem padronizada: “[...] corpo saudável é estar bem fisicamente, psicologicamente e mentalmente. Por isso não tem figura”. A resposta parece também apontar para uma crítica às tentativas de formas padronizadas de estética corporal. O que apareceu com certa frequência nestas imagens, como já se poderia prever, foi a presença de figuras midiáticas como atores e atrizes, cantoras e cantores, modelos e atletas, figuras idolatradas e consideradas modelos pela população adolescente. Relacionado ainda às imagens fica clara a preferência por um corpo mais magro, apesar dos textos que

mencionavam não importar se o corpo é magro ou gordo. Em alguns dos textos aparece uma indiferença e o que importa é se o corpo é saudável, segundo as garotas essa saúde independe da forma do corpo e depende principalmente da alimentação e dos exercícios físicos praticados. Parece um pouco diferente com as imagens, nas quais o percentual de pessoas magras equivale quase seis vezes mais do que a representação de pessoas ditas gordas. Interessante ressaltar que essas imagens, chamadas aqui de “gordas”, não equivalem a pessoas que possuam obesidade mórbida ou que estejam com a saúde precária, são apenas imagens de pessoas com sobrepeso corporal.

Outro fator interessante é a aparição de imagens que não são de seres humanos, mas sim de frutas, verduras e outros alimentos como a expressão de um corpo saudável. Esse tipo de figura compõe uma pequena porcentagem (5%), mas intrigante, pois escolher como imagem de um corpo saudável a imagem de uma geladeira e de pequenas frutas e iogurtes é um tanto curioso. Embora o número de imagens seja pequeno, não deixa de estar em consonância com a maioria das respostas escritas sobre “o que é um corpo saudável”, já que o fator alimentação é citado pela grande maioria como um fator importante para se ter um corpo saudável:

[...] para mim um corpo saudável não basta a pessoa ser apenas magra, ela precisa se alimentar bem comer tantas verduras e fazer algum tipo de exercício. Corpo saudável seria um corpo bem definido, onde mostre que as pessoas comam salada, alface, pepino, rúcula, mas para isso basta a pessoa querer.

Outro dado que se apresenta algumas vezes é o fator aparência, algumas garotas apontaram a aparência como algo importante e bom, que deve ser preservado e cuidado, não basta ser saudável, é preciso mostrar-se saudável, pois o corpo saudável é também um corpo que está preocupado com as aparências, com as formas como é percebido: “[...] um corpo saudável é aquele que tem um aspecto bom, que se cuida, se alimenta adequadamente, pratica exercícios, cuida da mente, com pensamentos sempre positivo e também cuida do visual, sempre bonito, se preocupa com seu corpo e com sua mente”.

Um dos mais aparentes reflexos das imagens é o fator de certa exploração midiática em relação ao corpo feminino que se apresenta de forma espontânea através de corpos magros, bem torneados e considerados sensuais. Em parte das imagens (11%), que representam o que chamamos de “apelo sexual”, as mulheres estão de lingerie ou biquínis. Além de suas vestimentas, suas atitudes também representam de certa forma um prazer que, em meio aos olhares e poses, refletem uma venda ou um apelo.

Algumas garotas ainda resistem e fazem críticas a esse modelo de corpo um tanto quanto estereotipado pelos meios de comunicação, indicando alguns padrões vigentes e mencionando doenças provocadas por tal obsessão. Outras se convencem de que o corpo saudável é bonito e bem cuidado. Apesar das muitas críticas, as receitas sempre aparecem para contemplar os olhos e ouvidos de quem quer se deixar convencer:

[...] ter um corpo saudável, nos dias atuais, diria que é uma missão quase impossível. Os problemas que circundam a sociedade são tantos que fica difícil parar para cuidar do corpo. Dentre esses problemas encontramos estresses, dificuldades financeiras, falta de tempo etc. isso faz com que não cuidemos devidamente do nosso corpo. A indústria capitalista também é um problema, pois tudo que é *light* ou próprio para a alimentação tem preços muito elevados. A falta de tempo da população não deixa que exercícios virem rotina, prejudicando assim, as pessoas que por esse motivo acabam tendo uma vida curta e mal vivida. As pessoas também têm uma noção errada de corpos saudáveis, elas se baseiam pelas modelos que veem na TV achando que saúde são corpos perfeitos e rostos bonitos. Isso não quer dizer que eles são saudáveis, quer dizer que tem dinheiro podendo fazer cirurgias a qualquer hora. As pessoas devem ter consciência que para ter um corpo saudável elas apenas precisam trocar umas coisas, como por exemplo: ao invés de ir de carro para algum lugar ir a pé; beber água ou suco no lugar de refrigerantes; se preocupar menos, pois não é se preocupando que as coisas vão melhorar; quando possível fazer algum tipo de exercício etc. não precisa de muito para ter um corpo em forma o que precisa para isso acontecer é boa vontade da população.

O exemplo citado acima quase corresponde a alguma reportagem escrita nas revistas de boa forma ou em encartes jornalísticos sobre saúde. Além dessas observações, algo inusitado aparece no texto: “o que precisa para isso acontecer é boa vontade da população”, esse trecho específico mostra como as responsabilidades são determinadas e como as mesmas geram cobranças sociais e muitas vezes indiscriminadas, em uma espécie de sobrevoos que nos deixa longe das limitações econômico-sócio-culturais, as quais, muitas vezes, podem deixar o sujeito bem longe de alcançar o padrão estético corporal apregoado por todos esses discursos normativos sobre a estética e a saúde.

Em grande parte as jovens tentaram administrar seus textos para não mencionar que desejavam um padrão corporal, muitas afirmavam ter seu próprio estilo e tentavam assim afirmar-se perante a pesquisa e no seu próprio grupo escolar. Diferentemente, algumas preferiam assumir seu desejo por uma beleza construída por meio do cuidado de cosméticos e cirurgias plásticas. Já as muitas imagens relacionadas à atividade física, sejam elas de academias, pessoas correndo ou caminhando, além das fotos de aparelhos

de ginástica, explicitavam ainda mais a opinião marcada pelos discursos da saúde que vinculam a imagem do corpo saudável a um corpo que se exercita nas academias de ginástica.

Entre as muitas possibilidades, algumas garotas selecionaram imagens masculinas para representar o “corpo saudável”. Essas imagens são intrigantes, pois incitam o questionamento: por que uma garota escolheria um corpo masculino para representar seu ideal de saúde? Ou ainda, como a identidade dessa menina liga-se a essa imagem escolhida?

Nas 77 composições de imagem e texto realizadas pelas alunas, a imagem masculina apareceu 29 vezes em diferentes estereótipos. Na maioria das vezes como composição de propagandas ou *layouts* de séries de TV, essas imagens são de modelos ou atores famosos e conhecidos. O corpo masculino a mostra ou marcado pelas camisetas justas compõem certa sensualidade, que agora é também explorada pela publicidade com certa veemência. Corpos ‘sarados’, esculturais que em meio a praias e céus azuis dão o tom de liberdade e tranquilidade – para compor um estilo de vida saudável e belo.

Outras imagens masculinas escolhidas apontavam para a busca de um sentimento de companhia ou de segurança. Por exemplo, a imagem do professor – que transmite confiança, felicidade e conhecimento, ou também a do marido, que junto com sua família se diverte e lembra suas funções como pai e marido. Ainda neste sentido, aparecem imagens que retratam a amizade do casal e sua cumplicidade, quando ambos exercitam-se juntos motivando-se mutuamente. Uma das hipóteses é que essas imagens masculinas estão envolvidas com o imaginário dessas garotas, que buscam nos exemplos de seus pais, seus professores e também nos modelos masculinos midiáticos, a percepção de que o outro também pode vir a compor as experiências de vida de cada uma delas, tornando-se um parceiro acolhedor e cúmplice do processo de engajamento na transformação de seus corpos, seguindo os padrões normatizantes sobre saúde e beleza.

As proporções de controle social são pautadas também na legitimação de determinados saberes, no caso da saúde e do corpo saudável podemos citar como exemplo a medicina que desenvolveu meticulosamente cada processo de controle corporal e sujeição do indivíduo. Os discursos médicos passaram a fazer parte do cotidiano há muito tempo, seus termos são corriqueiros e suas especialidades estão a cada dia mais específicas, refletindo-se no processo de formação. Com a Educação

Física o mesmo parece ter acontecido, a especialidade do/da professor-treinador/professora-treinadora foi criada para disciplinar e manter os corpos saudáveis, livre das doenças provocados pelo sedentarismo. Assim, não parece ser estranho que tantos discursos da Educação Física e da Medicina estejam relatados nos textos das adolescentes do ensino médio. Alguns dados demonstraram que muitas das coisas que se ouve na TV ou na aula de Educação Física ou nas revistas sobre boa forma aparecem com muita força nos textos, muitas vezes até mesmo como verdades a serem rigidamente seguidas, como é o caso das receitas e recomendações citando a ingestão de verduras e frutas, além da água e o uso de cosméticos.

É evidente que não menosprezamos os cuidados com a alimentação, o corpo, a beleza e a saúde, a presente pesquisa apenas quer analisar como discursos regulatórios sobre o corpo, a beleza e a saúde, produzidos por campos do conhecimento como a Medicina e a Educação Física, são rapidamente absorvidos pelo senso comum, sem nenhuma crítica, através de um intenso bombardeio dos recursos midiáticos. E como a escola, enquanto espaço que ocupa grande parte da vida do adolescente, tem se ausentado de um debate sobre os efeitos negativos deste tipo de controle, que tem produzido situações de exclusão de outras estéticas do corpo que tentam resistir a esses discursos regulatórios.

Os estudos realizados por Michel Foucault (1979; 1987) nos possibilitaram pensar novas relações nos mecanismos de controle sobre o corpo. O poder foi geralmente visto como sendo a negação do corpo, através da repressão, dos suplícios, e do castigo. Mas Foucault nos mostra que desde o século XVIII esta relação repressiva do corpo cede lugar a formas cada vez mais sofisticadas de controle, que funcionam não pela negação do corpo, mas por sua valorização, dando-lhe uma centralidade na constituição de nossas formas subjetivas na modernidade. Dando mais visibilidade ao corpo, busca-se operacionalizar um tipo produtivo de controle que pode classificar, medir potencialidades e, ao mesmo tempo, através de constantes registros, produzir saberes sobre os corpos.

O controle disciplinar sobre o corpo, ao invés de sua negação, procura extrair dele o máximo de eficácia e rapidez. As estratégias de controle são internalizadas pelo próprio sujeito que está constantemente comparando e sendo comparado na eficiência do seu corpo. Essas estratégias se sofisticam no final do século XVIII aliando a uma nova tecnologia de poder centrada no conceito de vida, produzindo um aglomerado de discursos e práticas, apoiados na suposição da neutralidade de saberes qualificados

como científicos, que operam na normalização e na gestão da vida, investindo sobre o corpo, a saúde, as formas de alimentação e habitação e também as formas de se educar. O controle passa pela formação de saberes competentes e especializados na produção de verdades sobre o corpo. Todas estas estratégias culminam em uma nova forma de controle que Foucault denomina de bio-política: “Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política” (FOUCAULT, 1979, p. 80).

Segundo Gastaldo (1997), a saúde tem sido o ponto alto de comunicação entre governo e população, é através da saúde que ambos permanecem em contato. A autora menciona ainda que as políticas públicas de saúde foram um meio desenvolvido para controlar a população sem exibir práticas coercivas:

O que é saudável é aquilo que a política de saúde diz ser saudável. Em outras palavras, a Educação em Saúde, da forma como é definida pelas Diretrizes, objetiva reforçar padrões de saúde concebidos pelo governo para a população. Assim, a política de educação em Saúde pode ser entendida como uma estratégia de governabilidade através da biopolítica. (GASTALDO, 1997, p. 153).

A perspectiva sustentada cientificamente de que uma boa alimentação somada às atividades físicas moderadas facilitam e melhoram a vida de cada um tornou-se senso comum.

A biopolítica produz novas estratégias de saber/poder visando formas de controle sobre o corpo, a saúde, a alimentação, a habitação, o tempo e o espaço. As normas da medicina, as medidas sanitárias, o controle da natalidade e os programas governamentais na área da saúde são criados como estratégias deste controle. Os recursos midiáticos se apropriam destas mesmas estratégias e passam a veicular os discursos normativos sobre a saúde e a estética dos corpos. A partir de então parece surgir uma nova situação de risco, na qual os limites de saúde e doença são reinventados e uma frase significativa se mostra: “*pessoas saudáveis pode ficar ainda mais saudáveis*” (GASTALDO, 1997, p. 151).

A sofisticação destes mecanismos na modernidade está não só no poder de sujeitar os corpos, mas também de fazê-los sujeitos, na medida em que produz também certa ideia de autonomia e de liberdade, pois estão disponíveis para o sujeito todos os recursos tecnológicos da medicina moderna, bem como os saberes especializados da nutrição e da Educação Física, que possibilitam toda série de intervenções sobre seu corpo, tendo como limite apenas seu desejo, sua vontade de se transformar, de tornar-se

mais eficiente, mas produtivo, mas belo ou mais saudável, invocando estratégias de autocontrole ao responsabilizar o sujeito pelo cuidado de si, enfatizando que somos o resultado de nossas opções, os únicos responsáveis pela beleza e pela saúde que temos ou deixamos de ter. Discursos que estão também expressos nas falas das adolescentes que analisamos neste trabalho:

Um corpo saudável é o corpo de uma pessoa que cuida da sua saúde, tanto mental quanto corporal, faz uma alimentação saudável (ou uma dieta saudável) com bastante frutas, legumes e verduras, nada de muito doce ou gordura. Para ter um corpo saudável precisa fazer bastante exercício, cuidar da pele, do cabelo, do CORPO, fazer caminhadas é ótimo. Quando o verão chegar tem que beber bastante líquido, água de preferência, passar filtro solar toda vez que for ao sol. Mas nosso corpo também precisa descansar tendo boas noites de sono. Fazendo isso nosso corpo será um corpo saudável.

E quando falham os recursos das dietas moderadas e dos exercícios contínuos, apela-se como último recurso para a medicina:

Para mim um corpo saudável é um corpo que está em seu peso ideal, uma alimentação saudável, fazer exercícios regulares; uma pessoa que se cuida, respeita seus limites e sua estrutura, não pensando no padrão imposto pela sociedade. Regularmente visitar o médico para estar ciente da sua saúde.

Os estímulos são apelativos, para emagrecer são lançados a todo instante as propagandas televisivas que vendem sonhos de autoestima e felicidade. A necessidade de emagrecer é tanta que chega a ser algumas vezes constrangedora, produzindo doenças como a bulimia e a anorexia. Com as observações feitas por essa pesquisa, pode-se notar que patologias como a bulimia e a anorexia assombram o imaginário das adolescentes. As garotas citam, às vezes, tais doenças e parecem entender as possíveis armadilhas propostas por tais processos normativos da saúde e da estética, mas talvez a resistência seja meramente teórica, já que os corpos gordos continuam despertando ansiedade e medo, não se sabe como mencioná-los, como se falar sobre eles, afinal socialmente tais corpos não são vistos como 'normais'.

Esse modo de entender o outro enquanto um ser não belo e anormal ficou claro nas escolhas das imagens das alunas, que escolheram, em sua grande maioria, fotos ou imagens de pessoas magras ou atléticas para representarem o corpo saudável, como se pessoas com sobrepeso não pudessem levar uma vida saudável apenas porque possuem algumas células adiposas a mais do que os corpos padronizados da moda.

O corpo saudável almejado parece sempre imbuído de qualidades muito mais estéticas do que qualidades de saúde. Ao escolher as imagens do corpo saudável, a magreza esteve quase sempre presente nos corpos de modelos e artistas, a mídia mostrou-se como dissipadora de modelos a serem seguidos, não apenas nos contornos corporais, mas também nos estilos de roupas ou ainda nos lugares que se deve frequentar.

Silva (2001) menciona que o novo arquétipo da felicidade, construído pelos moldes da medicina e seus discursos higienistas, está intimamente ligado às pulsões da ciência e do mercado, assim como os fatores midiáticos, portanto, o corpo é o novo espaço de construção e gestação de uma sociedade diferenciada não apenas pelo controle e novas formas de disciplinaridades, mas sim uma sociedade moldada pelas novas formas de subjetividades forjadas pelo processo social no qual se encontra cada indivíduo.

No entanto, parece haver uma apatia ou omissão dos/das educadores/educadoras em relação aos discursos normativos da saúde e da estética, e talvez a educação possa fazer alguma diferença já que os anos escolares ocupam grande parte da vida adolescente. A escola não pode continuar ignorando que a televisão, as revistas voltadas ao público adolescente, a internet e outros meios fazem parte dos processos de formação do sujeito.

Grande parte da educação passou para uma tela de poucas polegadas chamada televisão, já que esta continua sendo o veículo midiático mais presente em todos os lares. A formação está talvez restrita a horas de escola e horas de TV, quem pode mais? Com o sentimento de pertencer, a televisão induz a moda que é desfilada na escola, assim o corpo moldado pelos discursos da saúde, da beleza e da moda circula em meio a corredores vastos sob os olhos ávidos das adolescentes.

Muito se fala para se ter e se manter um corpo bonito, entendendo que esse corpo também será saudável. A beleza e a saúde passam a serem confundidas pelo grande número de informações vinculadas ao corpo e expostas nas mídias, assim todos parecem saber qual corpo é o desejado por si próprio ou pela sociedade.

Talvez, isso aconteça como menciona Sant'Anna (2002, p. 106) pelo fato de que “o desejo de investir nas imagens corporais torna-se proporcional à vontade de criar para si um corpo inteiramente pronto para ser filmado, fotografado, em suma, visto e admirado”. Isso se dá devido aos grandes investimentos da biopolítica, pois foram as políticas sobre o corpo que determinaram o que ele é hoje e que, de certa forma,

continuarão a fazê-lo. Foucault (1979) já mencionava que para governar e gerir uma população todos os detalhes devem ser vistos e revistos minuciosamente, nada escapa aos olhos do controle disciplinar.

Mas talvez o espaço educativo possa também produzir resistências. Assim, uma das estratégias pode estar na formação de educadoras/educadores para discutir tais temas em sala de aula. O tema deve, por exemplo, ter presença obrigatória nas aulas de Educação Sexual, pois, a partir da proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) discutir sexualidade na escola não se reduz a discutir apenas a prevenção às doenças sexualmente transmissíveis, como ocorria nas aulas de Educação Sexual tradicional, mas deve-se discutir também sobre o corpo como matriz da sexualidade e sobre as relações de gênero. Segundo os PCNs, a discussão sobre o corpo não é apenas anatômico-fisiológica, mas o

[...] corpo é concebido como um todo integrado, de sistemas interligados e inclui emoções, sentimentos, sensações de prazer/desprazer, assim como as transformações nele ocorridas ao longo do tempo. Há que se considerar, portanto, os fatores culturais que intervêm na construção da percepção do corpo, este todo que inclui as dimensões biológica, psicológica e social” (BRASIL, 1997, p. 139-140).

A discussão sobre gênero também implica necessariamente em discutir os aspectos histórico-culturais na construção dos nossos conceitos de masculino e feminino. Disciplinas como a História ou a Sociologia (presentes no currículo do ensino médio) podem colaborar com esse debate apontando a construção histórica de padrões corporais e de gênero em cada cultura. Ao longo da história e nas mais diferentes culturas, o corpo tem sido pensado, investido e produzido de diversas formas, já que a cada momento histórico são produzidas novas exigências, portanto os padrões de beleza não são eternos nem imutáveis. Como bem exemplificam Esslinger e Kovács (2002, p. 66), as imagens do feminino também estão sujeitas a essas transformações históricas:

No século XVIII as musas da beleza eram brancas e gordinhas, com bem mostram os quadros de Rembrandt e Rubens. No século XIX, eram as mulheres esqueléticas, pálidas, com profundas olheiras. No XX, já tivemos as cheias de curvas – Elisabeth Taylor, Gina Lollobrigida. Na década de 70 o símbolo foi a Twiggy, supermagrinha. Nos anos 80 e 90, as top models são muito magras, altas. Mas, ao mesmo tempo, convivemos com Sharon Stone e Demi Moore, cheias de curvas e corpo sensual.

As reflexões sobre a construção histórico-cultural dos padrões corporais e das representações de gênero podem também ser trabalhadas em sala de aula através de estratégias como os grupos focais. O grupo focal busca através de dinâmicas estabelecer reflexões sobre conhecimentos e práticas dos sujeitos envolvidos. Os procedimentos de coleta de dados utilizados em nossa pesquisa, realização de um texto escrito e escolha de imagens, podem servir como disparadores de discussão no grupo. O/a educador/educadora pode propor às/aos alunas/alunos, individualmente ou em pequenos grupos, que escrevam seus conceitos sobre o que é um corpo saudável e anexem imagens que possam representá-lo. Em segundo momento o grupo todo se reúne, confrontando e discutindo os diversos modelos estéticos produzidos por cada um/uma, permitindo refletir sobre os limites e as possibilidades impostas a cada indivíduo quando se submete aos estereótipos estéticos que são construídos em um determinado momento histórico. Ao final do trabalho o grupo deve fazer junto com a/o educadora/educador uma síntese dos conceitos e opiniões, sendo destacados os principais aspectos, identificando as resistências, as dificuldades e as possibilidades de transformação.

Na adolescência, os processos de exclusão e discriminação em relação a diferentes estéticas do corpo podem atingir a autoestima, dificultando a interação social e o desenvolvimento. O culto narcísico e exagerado ao corpo pode transformar-se em sofrimento e até em morte, tendo em vista o aumento nos casos de anorexia e bulimia em adolescentes. Em meio a tantos apelos dos recursos midiáticos, talvez caiba à educação a responsabilidade de produzir novas pedagogias que possibilitem que haja menos discursos normalizadores dos corpos, dos gêneros, da saúde, da beleza, das relações sociais e da afetividade.

Referências

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- ESSLINGER, I.; KÒVACS, M. J. *Adolescência: vida ou morte*. São Paulo: Ática, 2002.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- _____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GASTALDO, D. É a educação em saúde “saudável”? Repensando a educação em saúde através do conceito de bio-poder. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, n. 22, p. 147-168, 1997.

- LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- SANT'ANNA, D. B. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, C. (Org.). *Corpo e História*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- _____. Transformações do corpo: controle de si e uso dos prazeres. In: RAGO, M.; ORLANDI, L. B.; VEIGA-NETO, A (Orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- SANTAELLA, L. *Corpo e Comunicação: sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus, 2004.
- SILVA, A.M. *Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade*. Florianópolis: UFSC, 2001.
- SOARES, C. L. Notas sobre a educação no corpo. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 16, p. 43-60, 2000.
- _____. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: _____. (Org.) *Corpo e história*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.
- _____.; FRAGA, A. Pedagogias dos corpos retos: das morfologias disformes às carnes humanas alinhadas. *Pro-posições*, Campinas, n. 14, p. 77-88, 2003.
- VEIGA-NETO, A. *Foucault e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.